

INFORMATIVO CONJUNTURAL

Nº 54 – Setembro de 2009



SECRETARIA DE
ESTADO DE AGRICULTURA,
PECUÁRIA E
ABASTECIMENTO



**SECRETARIA DE ESTADO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO - SEAPA/MG**

Secretário de Estado
Gilman Viana Rodrigues

Secretário Adjunto
Paulo Afonso Romano

Superintendente de Economia Agrícola
João Ricardo Albanez

Centro de Análises e Estudos Estratégicos
Eliza Alves Vieira

**EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL
DO ESTADO DE MINAS GERAIS - EMATER/MG**

Presidente
José Silva Soares

Diretor Técnico
José Ricardo Ramos Roseno

Editoração e Coordenação do Informativo
José Fernando N. Domingues

e-mail: ciagro@emater.mg.gov.br

Tel: (31) 3349 8087 - (31)3349 8182

ÍNDICE

COMENTÁRIO ECONÔMICO
PRODUTO INTERNO BRUTO DO AGRONEGÓCIO MINEIRO
BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO MINEIRO

ANÁLISE DE SAFRAS
ALGODÃO
CAFÉ
FEIJÃO
MILHO
SOJA
TOMATE
FRUTICULTURA

BOI GORDO
FRANGO E OVOS
SUINO
LEITE
PEIXE

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES
PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS NA CEASAMINAS

COMENTÁRIO ECONÔMICO

Everton Augusto P. Ferreira
E-mail: everton@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8061 Belo Horizonte/MG

À primeira vista, há uma percepção generalizada de que a crise financeira internacional e seus efeitos, já são fato passado e que as medidas fiscais e tributárias de incentivos praticadas em todo o mundo lograram êxito em afastar os riscos de uma depressão econômica. No Brasil, em particular, o governo federal tem um tom “triumfalista” ao anunciar que o PIB do 2.º trimestre cresceu quase 2% em relação ao trimestre anterior e a expectativa para o ano de 2009 é positiva. Os dados de produção e emprego no setor industrial se encontram igualmente positivos em julho em relação ao mês anterior. O emprego na indústria, por exemplo, cresceu 0,4% em julho, comparado com junho, pouco, é verdade, mas é o primeiro resultado positivo após nove meses. No cenário internacional os dados quanto ao PIB, emprego e consumo, também são positivos nos EUA, na União Européia e na China. O FMI já reviu suas expectativas do PIB para 2009 nas principais economias mundiais, de negativa para positiva (1,3%) e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, OCDE - entidade que reúne todas as economias desenvolvidas, traz uma previsão de crescimento do PIB de seus filiados de 2% para 2009, também após marcar perspectivas negativas até pouco tempo atrás.

Contudo ainda persiste uma pergunta fundamental no Brasil e lá fora: como se comportará a economia mundial com o fim (ou redução) dos incentivos e pacotes de apoio financeiro?

A pergunta é crucial. Afinal, quando os governos fecharem as torneiras dos incentivos para o consumo e investimentos e tiverem que elevar as taxas de juros para conter as pressões inflacionárias, como a economia reagirá? A recessão voltará? O consumo de bens duráveis (automóveis, eletrodomésticos, etc.) manterá seu fôlego?

Não é preciso dizer que o crescimento do PIB, aqui e no exterior, se faz a partir dos setores beneficiados com pacotes de incentivos. Também parece lógico que nenhum governo terá condições de manter o atual patamar de incentivos por muito mais tempo e que a conta a pagar chegará na forma de impostos daqui a alguns anos. O ex-presidente do Banco Central dos EUA (FED), Alan Greenspan, em entrevista recente, apontou que o combate à inflação naquele país será alvo de preocupações no curto prazo e que as políticas monetária (juros) e fiscal (incentivos), não se sustentam por muito mais tempo.

No Brasil, alguns comentaristas mostram preocupação com o lado fiscal da economia nacional, especialmente porque a União, para 2010, tem programado gastos recordes em custeio e investimentos, prevendo também, recorde de arrecadação tributária. Caso as receitas não se realizem, a conta a pagar será de mais impostos ou de dívida pública. Muitos acreditam que o combate à crise deu ao governo uma “licença para gastar”, havendo indicativos de que não há nenhuma estratégia diferente no horizonte. Nisso, o risco é de se configurar uma “armadilha” fiscal monetária, onde não se extinguem os incentivos para o PIB não cair e, ante a ameaça inflacionária, as taxas de juros sobem. Algo como “dar com uma mão e tirar com a outra” ou de intercalar períodos de crescimento com contenção. Por sinal, na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), a taxa básica de juros interrompeu sua trajetória de cortes. A grande expectativa é que 2010 sirva para “desarmar” essa “armadilha” e que o ano não seja agravado por conta do calendário eleitoral.

PRODUTO INTERNO BRUTO DO AGRONEGÓCIO MINEIRO

Superintendência de Política e Economia Agrícola
E-mail: spea@agricultura.mg.gov.br
Tel.: (31) 3215-6546 - Belo Horizonte/MG

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (CEPEA/ESALQ/USP),

patrocinado pela Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Estado de Minas Gerais - SEAPA/MG e pela Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais - FAEMG), apresentou, no mês de junho, taxa negativa de 0,85% e acumulou no primeiro semestre deste ano retração de 4,49%, quando comparada com o mesmo período de 2008.

O agronegócio da **Agricultura**, fechou o semestre com queda de 2,86%. Quanto ao agronegócio da **Pecuária**, observou-se que todos os segmentos que o compõem continuaram em declínio e acumularam no semestre taxa negativa de 4,90%.

(Ver Figuras 1 e 2).

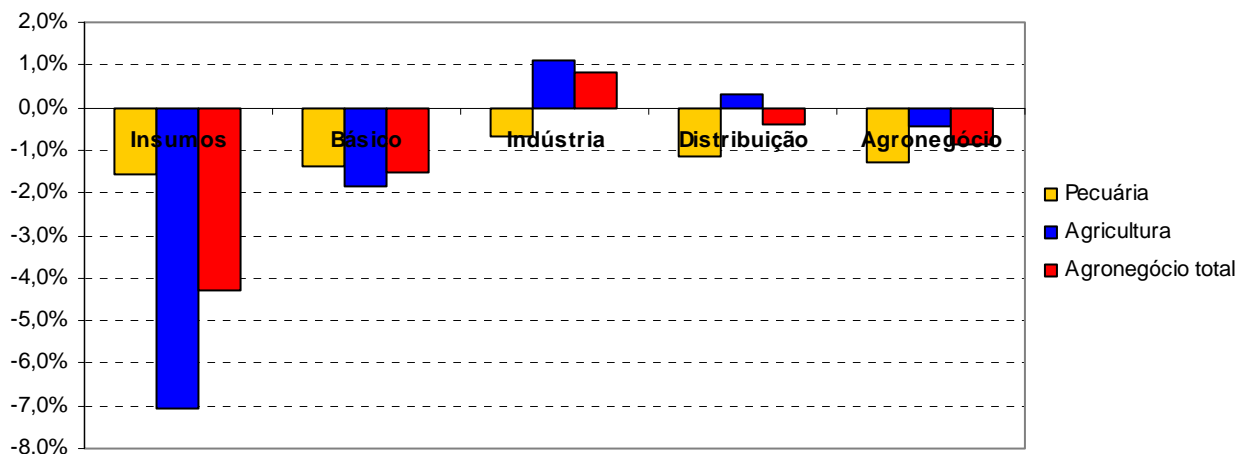


Figura 1 - Taxas de crescimento em junho de 2009 (%)

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

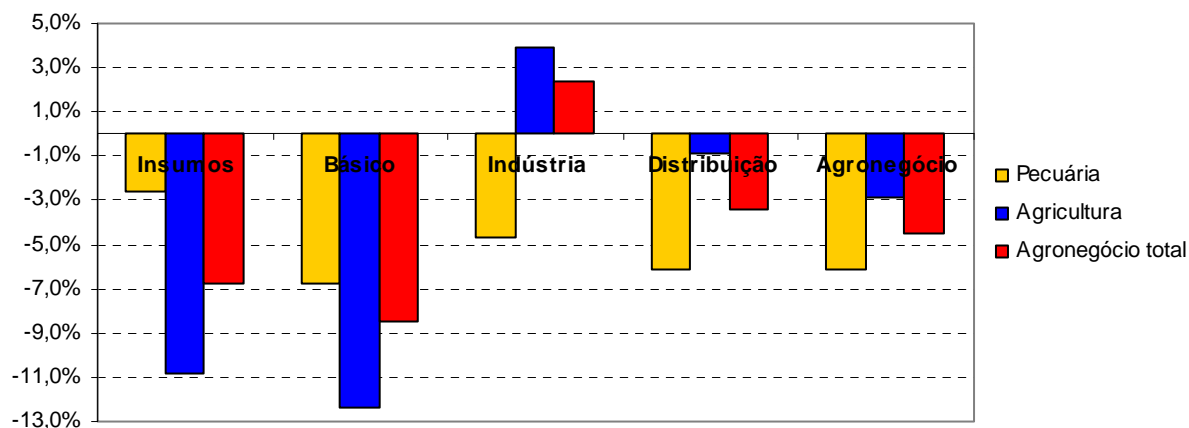


Figura 2 - Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a junho de 2009 (%)

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

No mês de junho o agronegócio da **Agricultura** retraiu 0,44%, tal desempenho foi ligeiramente superior àquele observado em maio, quando o recuo foi de 0,61%. As atividades dos segmentos insumos e básico (dentro da porteira) recuaram fortemente em junho, suas taxas foram, respectivamente, -7,08% e -1,86%. Os segmentos industrial e de distribuição, ao contrário, tiveram comportamento positivo com taxas de 1,11% e 0,32%, respectivamente.

A análise do semestre revela que o segmento básico apresentou a maior retração, com taxa negativa de 12,34%, em seguida surge o segmento de insumos com taxa de -10,84%. O segmento de distribuição recuou no semestre -0,88%. A indústria agrícola apresentou taxa positiva de 3,92%.

No agronegócio da **Pecuária** persistiram as quedas de preços e volume. O recuo em junho foi 1,27% (-1,15% em maio), esta foi a maior queda mensal do primeiro semestre deste ano. No acumulado do semestre o agronegócio da **Pecuária** apresentou taxa negativa de 4,90%. As atividades primárias, industriais e de distribuição apresentaram reduções em ritmo acelerado e fecharam o primeiro semestre de 2009 com taxas de -6,74%, -4,70% e -6,13%, respectivamente. O segmento de insumos recuou com menos intensidade, sua taxa no acumulado do semestre foi de -2,63%.

Quedas acentuadas de preços acompanhadas por retração no volume de produção moldaram o desempenho da maioria das atividades do agronegócio estadual no primeiro semestre deste ano. O intenso recuo das atividades “dentro da porteira” (segmento básico) retraiu a demanda por insumos com a conseqüente queda de preços desses produtos. Na agroindústria, o bom desempenho do mercado de açúcar, com preços e volume em forte alta, definiu a performance positiva da indústria de base agrícola. O mesmo, entretanto, não aconteceu com as demais atividades industriais do agronegócio mineiro.

Partindo dos dados acima, o CEPEA/ESAL/USP estimou o PIB do Agronegócio Mineiro para este ano em R\$ 89,6 bilhões (a preços de 2009). O agronegócio da **Agricultura** com participação relativa de 50,7%, equivalentes a R\$ 45,4 bilhões e o da **Pecuária** respondendo por 49,3% ou R\$ 44,2 bilhões.

Dos quatro segmentos que integram o agronegócio total, a participação na renda gerada no segmento de insumos em 2009 é de 7,25%, do segmento básico de 39,17%, do industrial de 23,47% e de distribuição, 30,11%.

No agronegócio da **Agricultura**, as participações são: insumos,6,86%, básico,23,36%, indústria, 38,54% e distribuição, 30,11%.

O agronegócio da Pecuária apresenta as seguintes participações: insumos,7,64%,básico,55,40%,indústria, 7,99% e distribuição,28,96%.

BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO

Márcia Aparecida de Paiva Silva
E-mail: marcia.silva@agricultura.mg.gov.br
Tel.: (31) 3215-6548 - Belo Horizonte/MG

Destaque nas exportações

Nos primeiros oito meses de 2009, o montante exportado pelo agronegócio mineiro somou US\$ 3.500,3 milhões, que corresponde a um decréscimo de 1,6%, ante os US\$ 3.558,3 milhões, verificados no período de janeiro a agosto de 2008 (Gráfico 1). O volume exportado, entretanto, apresentou crescimento de 34,5%, passando de 2.982,2 mil toneladas para 4.009,5 mil toneladas, comparando-se o período de análise de 2008 e 2009, respectivamente. A queda da receita das exportações diante do aumento do volume exportado sinaliza a redução do preço médio dos produtos, o que já era esperado para o ano de 2009, em decorrência dos efeitos da crise financeira mundial.

Entre os meses de janeiro a agosto de 2009, alguns produtos contribuíram de forma substancial para a manutenção das exportações do agronegócio mineiro a patamares elevados. Dentre eles se destaca o café em grão, cuja receita de exportação registrou crescimento de 3,0%, em relação ao mesmo período do ano anterior, e chegou a US\$ 1.751,8 milhões, equivalente à metade do valor das exportações mineiras do setor. Comparando-se os meses de agosto a julho de 2009, foi registrado um crescimento de 33,0% no valor das exportações deste produto, que passaram de US\$ 185,7 milhões para US\$ 247,0 milhões. Outro fator favorável foi o aumento do preço médio em 3,6%, que chegou US\$ 2.412,9, a tonelada, em agosto de 2009, ante os US\$ 2.330,2,

verificados em julho de 2009. O aumento do preço médio de exportação é um estímulo providencial aos cafeicultores mineiros que passam por problemas financeiros.

Os setores de carnes bovina e suína também se destacaram. Nos primeiros oito meses de 2009, a receita proveniente da carne bovina apresentou crescimento de 5%, em comparação com o mesmo período de 2008, chegando a US\$ 182,6 milhões. O valor das exportações de carne suína chegou a US\$ 72,8 milhões, perfazendo um crescimento de 58,3%, em relação a 2008. Esse crescimento foi contrário ao comportamento das exportações de carne bovina e suína brasileiras, que apresentaram decréscimo de 27,3% e 24,6%, respectivamente, comparando-se janeiro a agosto de 2008 e 2009.

Outros produtos como açúcar e soja em grão, devem ainda ser mencionados. No caso do açúcar, as exportações passaram de US\$ 187,9 milhões, nos primeiros oito meses de 2008, para US\$ 303,7 milhões, em 2009, atingindo um crescimento de 61,6%. Dado que o crescimento da receita das exportações de açúcar (61,6%) foi superior ao aumento do volume exportado, referente a 39,9%, foi registrado aumento do preço médio deste produto, o que sinaliza perspectivas positivas para o mercado externo do açúcar mineiro.

A soja em grão, por sua vez, chegou a uma receita de US\$ 284,3 milhões, que representa um crescimento de 140,1%, ante os US\$ 118,4 milhões observados no período de janeiro a agosto de 2008. Um fator positivo para o aumento da exportação da oleaginosa é o aumento da produção mineira na safra 2008/209.

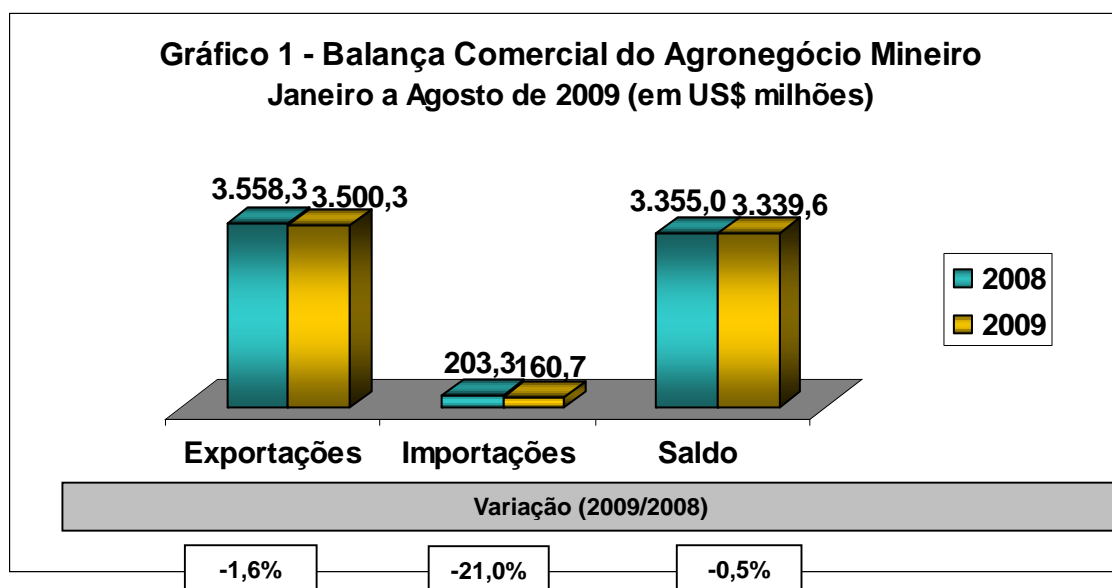
Cenário das Importações

Nos primeiros oito meses de 2009, as importações do agronegócio, totalizaram US\$ 160,7 milhões, que representa um decréscimo de 21,0% diante dos US\$ 203,3 milhões, verificados em 2008 (Gráfico 1). As importações de trigo, principal produto importado pelo setor, apresentaram redução de 36,9% e chegaram a US\$ 36,7 milhões, de janeiro a agosto de 2009. Um dos fatores que justifica a queda da importação de trigo é o aumento da produção mineira, favorecida pelo aumento da área cultivada.

Ao contrário do trigo, as importações de arroz apresentaram crescimento em função da queda da produção em Minas, encadeada pela falta de investimento na cultura. Em relação ao mesmo período de 2008, esse acréscimo foi 25,6%, sendo que as importações de arroz chegaram a US\$ 19,1 milhões.

Balança Comercial do Agronegócio de Minas

Nos primeiros oito meses de 2009, o saldo da balança comercial do agronegócio mineiro foi de US\$ 3.339,6 milhões, perfazendo um pequeno decréscimo de 0,5% ante os US\$ 3.355,0 milhões, verificados no mesmo período de 2008. Essas informações estão apresentadas no Gráfico 1.



Fonte: Elaboração SEAPA/SPEA, a partir de dados do MDIC/Secex.

ANÁLISE SAFRAS

José Fernando N. Domingues
E-mail: ciagro@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8129 - Belo Horizonte/MG

ESTIMATIVA DA SAFRA BRASILEIRA 2008/2009

O 12º Levantamento da Safra de Grãos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), realizado na segunda quinzena de agosto nos principais municípios produtores apresentou uma estimativa de 47,7 milhões de hectares de área plantada na safra brasileira de 2008/09. Esse valor supera 0,6% a área cultivada em 2007/08. As culturas pesquisadas foram: algodão, amendoim, arroz, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, aveia, centeio, cevada, trigo e triticale. Apesar do crescimento de 0,6% na área plantada, o clima adverso, como a estiagem nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, provocou uma redução na produtividade das lavouras tradicionais. A redução mais acentuada aconteceu nas culturas do milho, 1ª e 2ª safras, e da soja.

Após a realização do 12º levantamento de safra, a estimativa da produção brasileira, é de 134,3 milhões de toneladas, 6,8% inferior ao volume produzido na safra 2007/2008.

Comparativo de área e produção de grãos

Local	Área (mil ha)		Var. %	Produção (mil t)		Var. %
	2007/08	2008/09		2007/08	2008/09	
Minas Gerais	2.830,9	2.804,2	-0,9	10.220,2	10.225,5	0,1
Região Sudeste	4.824,0	4.787,1	-0,8	17.434,3	16.985,2	-2,6
Brasil (*)	47.411,2	47.688,7	0,6	144.137,3	134.345,1	-6,8

Fonte Conab - Levantamento: Set/2009 - Elaboração Ciagro/Asmec/Emater-MG

(*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

INFLUÊNCIAS CLIMÁTICAS

Segundo o relato apresentado pela Conab, as precipitações no mês de agosto estiveram acima da média em praticamente todas as regiões e chegaram a causar danos pontuais, seja por granizo, ou por excesso de umidade. Entretanto as chuvas, de modo geral, foram benéficas para o enchimento de grãos do milho 2ª safra e do feijão 3ª safra plantados mais tarde na região Centro-Sul; para o desenvolvimento das culturas de inverno; para o bom rendimento das safras do Nordeste e por proporcionarem condições mais favoráveis à implantação da safra 2009/2010. Na Região Sudeste as chuvas acima da média favoreceram tanto do milho 2ª safra plantado mais tarde, quanto do feijão 3ª. No entanto, podem ter causado alguns danos pontuais, por excesso de umidade, às lavouras de feijão que estavam em maturação e colheita e às culturas de inverno que estavam na fase de formação de espiga.

Minas Gerais. Área e Produção – Safra 2008/2009

Cultura	Área (Mil ha)	Produção (Mil t)
Algodão (caroço)	15,0	55,5
Algodão (Pluma)	15,0	21,4
Amendoim 1ª safra	3,7	10,8
Arroz	57,4	126,6
Feijão 1ª safra	204,6	249,0
Feijão 2ª safra	156,2	211,3
Feijão 3ª safra	50,2	117,6
Mamona	8,3	10,3
Milho 1ª safra	1.254,1	6.298,1
Milho 2ª safra	29,5	152,9
Soja	914,4	2.673,7
Sorgo	90,5	245,5
Trigo	20,3	95,6

Fonte: Conab – Levantamento Set/2009
– Elaboração: Ciagro/Asmec/Emater-MG

AVALIAÇÃO DAS CULTURAS

O último levantamento da Conab indica uma produção de 3,0 milhões de toneladas de **algodão** em caroço, 25,6% inferior ao volume produzido na safra passada. Esta redução é consequência da diminuição da área plantada. Na época do plantio o produto tinha baixa cotação no mercado nacional e internacional, além do alto custo de produção devido ao aumento do preço dos insumos agrícolas. Isso fez com que o produtor optasse por outras culturas com perspectivas mais favoráveis. Persistindo a estimativa, a produção de algodão em pluma deverá ser 25,5% menor que a da safra passada. A colheita, na maioria dos estados, foi favorecida pela escassez de chuva, restando em torno de 20% para a sua conclusão.

A área total cultivada com **arroz** passou para 2,9 milhões de hectares, um incremento de 1,2% em relação à safra passada, com destaque para a região Centro-Oeste que obteve aumento de 13,6% em relação à safra anterior. A produção nacional para a safra 2008/09 é de 12,63 milhões de toneladas, 4,6% superior ao colhido na safra passada. Isto se deve às boas condições climáticas durante todo o ciclo da cultura, somado à melhor tecnologia utilizada.

A área do **feijão 1ª safra** totalizou 1,44 milhão de hectares e uma produção de 1.349,8 mil toneladas. A área cultivada na primeira safra superou em 9,5% a safra anterior. Verificou um bom desempenho da cultura nas regiões Sudeste e Centro-Oeste onde o clima foi favorável, ao contrário na região Sul onde a cultura foi sacrificada pelas condições climáticas adversas.

No plantio do **feijão de 2ª safra**, a área de 1.976,5 mil hectares foi 5,9% superior à do mesmo período de 2007/2008. Com o encerramento da colheita no mês de julho, verificou-se uma produção de 1.380,0 mil toneladas, 4,5% menor que a segunda safra do ano anterior.

O **feijão de 3ª safra** tem uma área semeada de 765,7 mil hectares, 5,8% inferior quando comparada com a área semeada em 2007/08. A previsão de colheita para 2008/09 é de 772,9 mil toneladas, 7,1% inferior em relação à safra passada. Minas Gerais e São Paulo acusaram as maiores reduções, 20,2% e 17% respectivamente. Os preços praticados no primeiro semestre e também os custos de produção, desestimularam os produtores ao plantio.

A área de plantio com **milho 1ª safra** de 2008/09 totalizou 9.242,7 mil hectares, 4,1% abaixo da área cultivada na safra do ano anterior. Na região Centro-Sul onde são cultivados 65,6% da área nacional, a redução foi de 6,4%. Os fatores que levaram a essa redução foram: preços praticados no mercado na época de plantio; falta de chuva no período da semeadura e preço da soja mais atrativo no mercado.

A produção alcançou 33.644,7 mil toneladas, 15,8% menor que na safra de 2007/08.

A área plantada com o **milho 2ª safra**, também chamada de milho safrinha, foi de 4.894,1 mil hectares, 4,6% menor que a safra 2007/2008. Esta safra do milho foi prejudicada pela estiagem

do último trimestre de 2008 que acabou provocando atraso na semeadura da safra de verão, fazendo com que houvesse atraso também no plantio da safrinha.

A área de cultivo de **soja**, no País, na safra 2008/09, alcançou 21,7 milhões de hectares, 1,9% superior à cultivada em 2007/08. A produção nacional totaliza 57,1 milhões de toneladas. Na região Sudeste, a área passou de 1.396,0 mil hectares, para 1.445,7 mil hectares. Em Minas Gerais, a área cresceu 44,4 mil hectares.

Fonte: Conab. Acompanhamento da Safra Brasileira. Décimo segundo levantamento. Setembro 2009

ALGODÃO

Reinaldo Nunes de Oliveira
E-mail: reinaldo.oliveira@emater.mg.gov.br
Tel.: (38) 3223-2130 - Montes Claros/MG

PANORAMA

O mercado interno do algodão fechou o mês de agosto com preços estáveis, mantendo a linha de R\$ 1,17 a R\$ 1,18 a libra-peso, apesar dos fundamentos favoráveis das bolsas para a elevação das cotações. Essa elevação não aconteceu devido ao aumento da oferta do produto no mercado, lembrando que 80% da produção brasileira já foram colhidos e beneficiados.

A cotação do algodão em caroço apresenta uma variação de R\$ 13,50 a arroba em Araçatuba (SP) e R\$14,50 em Barreiras (BA) e Rondonópolis (MT). Em Minas Gerais o preço se mantém estável com cotação a R\$ 14,00 a arroba em Uberlândia e Unai.

Para o algodão em pluma, não houve alteração dos preços no mês de agosto, permanecendo no mesmo patamar de julho, ou seja, R\$ 36,71 a arroba em Barreiras (BA) e R\$ 38,36 em Minas Gerais. Entretanto existem fatores positivos quanto ao mercado para a fibra. A redução da oferta tem levado as indústrias a aumentarem as compras como forma de manter os estoques até dezembro, e possivelmente até o início de 2010, evitando a importação do produto nesse período. Quanto ao mercado externo, a Bolsa de Nova York encerrou o mês de agosto com ligeira alta, em função da queda do dólar e, segundo alguns analistas do setor, o mercado futuro sinaliza uma tendência de diminuição da relação estoque / consumo mundial o que é um bom sinal para os produtores.

TENDÊNCIA

Os preços do algodão nunca estiveram tão baixos, por tanto tempo, o que implica para a cotonicultura brasileira uma tendência lógica de redução drástica da área plantada, com influência na oferta do produto no mercado interno. Os preços praticados atualmente são insuficientes para cobrir os custos de produção, mesmo com os recordes de produtividades obtidos. O equilíbrio da atividade tem que estar atrelado também a preços competitivos.

Considerando o cenário interno atual, com a perspectiva de migração dos produtores para outras commodities, a tendência é a recuperação satisfatória dos preços do algodão para a safra 2009/10.

CAFÉ

Marcelo de Pádua Felipe
E-mail: mpfelipe@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349- 8149 - Belo Horizonte/MG

COTAÇÕES

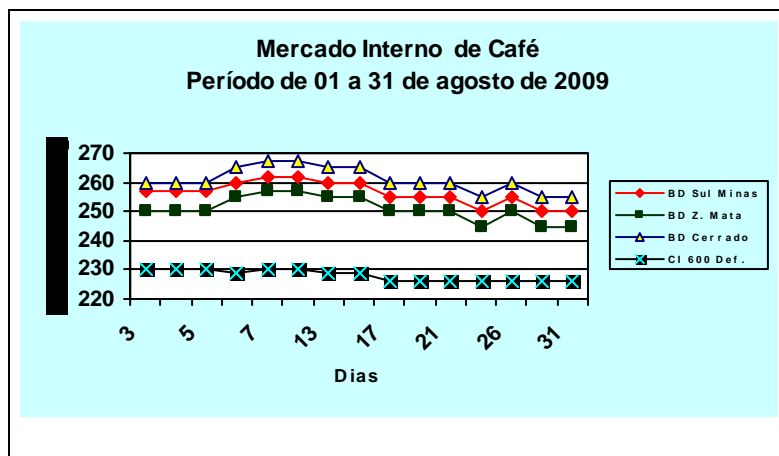
FORÇA VENDEDORA MANTÉM O MERCADO PRESSIONADO.

O preço da bica dura de café arábica tipo 6,0 com bom aspecto e catação, na primeira quinzena de agosto chegou a ser negociada a R\$ 265,00 a saca de 60 quilos no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, trocando de mãos no final do mês a R\$ 255,00 a saca, com perda de R\$ 10 por saca.

Acompanhando o mercado físico interno, as fixações de preço no mercado futuro tiveram também queda significativa, juntamente com outras commodities, atreladas a pressão vendedora de exportadoras brasileiras e a falta de continuidade nas medidas de apoio do governo brasileiro ao setor.

O anúncio de mecanismos para a retirada de café da próxima safra 2010/2011 “**mais 7,0 milhões de sacas**” facilitaria a vida dos cafeicultores brasileiros, pois permitiria que os mesmos pudessem planejar a atividade cafeeira no curto, médio e longo prazo com calma e tranquilidade.

Após perdas sucessivas, a atenção da ponta vendedora se volta para os trabalhos finais de colheita e beneficiamento visando compromissos assumidos com vendas antecipadas e com a próxima florada, visto se tratar de safra alta, portanto deverá ser grande.



Preços médios para cafés com bom aspecto e com catação de 10% a 20%, por saca de 60 kg.
 Fonte: Safras & Mercado, CCVV, Gazeta Mercantil, Carvalhaes e Cooperativas de Cafeicultores.
 Elaboração: Emater-MG

Tendência: A qualidade da safra 2009 foi muito afetada pelas chuvas desde o início da colheita e os cafeicultores começam a enfrentar dificuldades com as entregas futuras (CPR) à medida que aumenta a oferta de cafés mais fracos fragilizando o mercado de café.

No Sul de Minas Gerais, tendo como base os preços líquidos praticados pela Cooperativa dos Cafeicultores de Três Pontas – Cocatrel, apontam um deságio de R\$ 27,00 por saca de 60 kg para o Café Rio/Consumo Interno no fechamento do mês de agosto. Confira na tabela a seguir:

Deságios – 30/07/2009			
Café Rio/C. Interno		Café manchado	
(-27,00)		(-5,00)	
Café Riado		Café chuvado	
(-10,00)		(-6,00)	
Café Duro/ Riado/Rio		Café discrepante	
(-15,00)		(-17,00)	
Café com seca má		Café muito discr/barrento	
(-10,00)		(-22,00)	
Base - Dura/Melhor	60 defeitos	R\$ 250,00	6 Base 80
defeitos			
	7 Base	160 defeitos	R\$ 240,00
	defeitos		7 Base 270
			R\$ 229,00
Café com mais de 270 defeitos → deságio de R\$ 1,00 a cada 10 defeitos			

Fonte: Cocatrel – livre de impostos sujeitos apenas ao seguro.

Tendência: Os produtores estão mantendo o perfil retraído à espera de uma recuperação nos preços, fatos que tem impedido uma redução ainda mais drástica dos preços praticados.

PODER DE TROCA DO CAFÉ

A relação de troca entre os fertilizantes e a saca de 60 kg de café continua ainda desfavorável ao cafeicultor, todavia já se aproxima do valor histórico, onde três sacas de café compravam uma tonelada de fertilizantes (20.05.20).

SACAS NECESSÁRIAS DE CAFÉ PARA ADQUIRIR 1,0 TONELADA DE FERTILIZANTE.

Produto	Valor (R\$/t)	Poder de troca	Valor (US\$)
NPK 20-05-20	890,00	3,56	472,90
NPK 20-00-20	830,00	3,32	441,02
Ureia	780,00	3,12	414,45
Cloreto Potássio	1.500,00	6,00	797,02
Sulfato Amônio	460,00	1,84	244,42
Superfosf. Simples	380,00	1,52	201,91

Base: Preço médio - Saca de café 250 - Dólar R\$ 1,8820

Fonte: Emater-MG

ZONEAMENTO AGRÍCOLA

APROVADO ZONEAMENTO PARA PLANTIO DE CAFÉ EM MINAS GERAIS

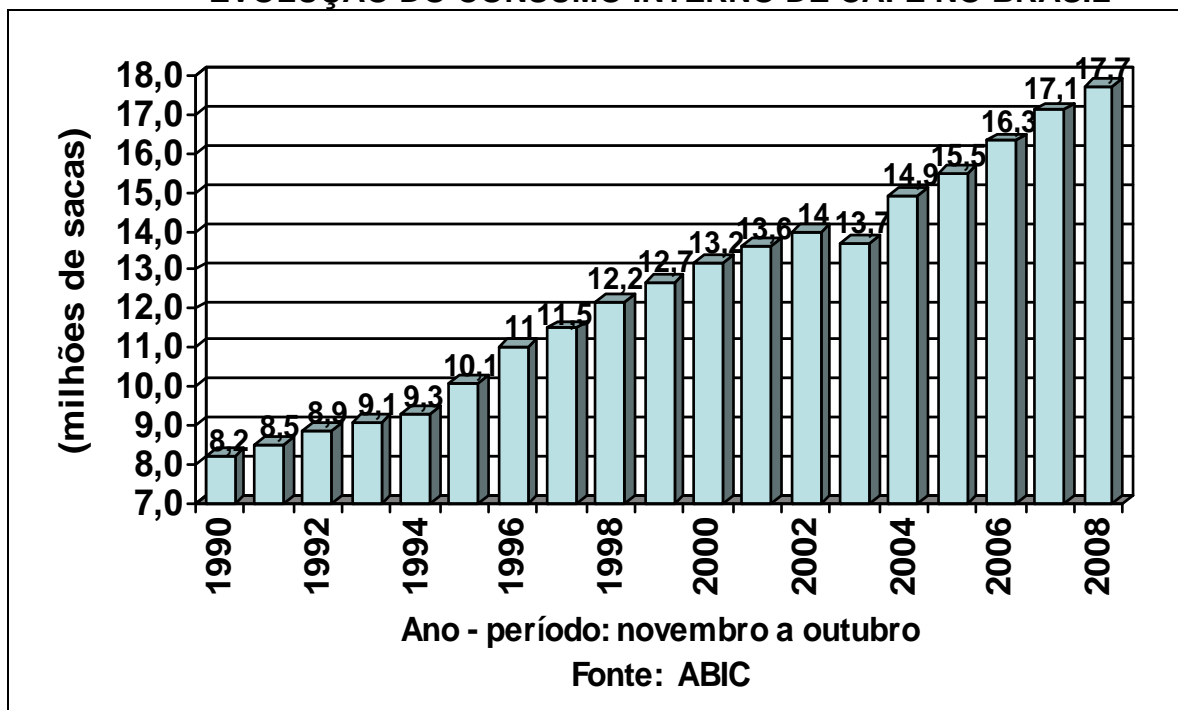
A portaria 192 de 18/08/2009 do Diário Oficial da União aprova o zoneamento agrícola, safra 2009, para cultura do cafeeiro no Estado e Minas Gerais. O zoneamento agrícola objetiva-se identificar as áreas aptas e os períodos de plantio com menor risco climático para o cultivo do café arábica no Estado. As áreas com aptidão para o plantio do cafeeiro arábica no Estado foram identificadas com base no índice de deficiência hídrica (**DH**), nas temperaturas médias anuais (**Ta**) e do mês de novembro (**Tn**).

CONSUMO DE CAFÉ

CRESCER O CONSUMO DE CAFÉ NO BRASIL

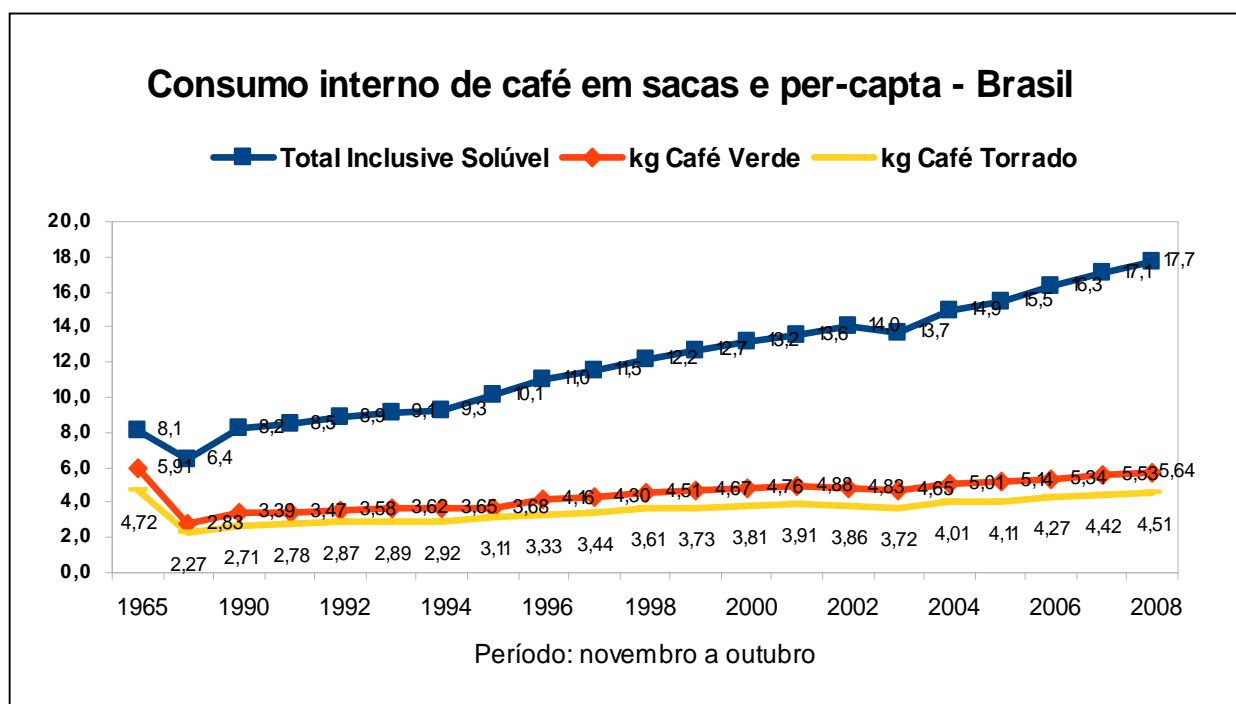
O consumo interno brasileiro de café continua crescendo. No período compreendido entre novembro/2007 e outubro/2008, a ABIC registrou um consumo de 17,66 milhões de sacas, representando um acréscimo de 3,21% em relação ao mesmo período do ano anterior quando 17,11 milhões de sacas haviam sido consumidas. O resultado, entretanto, foi inferior à expectativa inicial da ABIC, que esperava atingir uma meta de consumo na ordem de 18,1 milhões de sacas em 2008.

EVOLUÇÃO DO CONSUMO INTERNO DE CAFÉ NO BRASIL



Já o consumo per capita foi de 5,64 kg de café em grãos crus ou 4,51 kg de café torrado, “quase 76 litros para cada brasileiro por ano”, registrando uma evolução de 2,0% em relação ao período anterior. Este resultado iguala o consumo por habitante/ano do Brasil ao da Itália (5,63 kg/hab.ano), supera o da França (5,07 kg/hab.ano) ficando pouco abaixo da Alemanha (5,86 kg/hab.ano).

Os campeões de consumo, contudo, continuam ainda sendo a Finlândia, Noruega e a Dinamarca com um volume próximo dos 13 kg/hab.ano. Quanto ao café torrado e moído, o consumo per capita de 4,51 kg/hab.ano aproxima-se do consumo histórico de 1965, que foi de 4,72 kg/hab.ano.



Enquanto em países ricos, tradicionalmente consumidores de café, como os EUA, a Itália, a França e a Alemanha, há uma desaceleração do ritmo de crescimento do consumo de café, com a transferência de consumidores das cafeterias para os lares “o consumidor compra o seu café e

toma em casa”, no Brasil há uma tendência inversa, ou seja, o brasileiro não só procura cada vez mais um bom café expresso fora de casa, como também já reconhece a melhoria da qualidade do café que lhe tem sido oferecido e comemora tomando mais xícaras a cada dia.

FEIJÃO

Wilson José Rosa
E-mail: wjrosa@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8170 - Belo Horizonte/MG

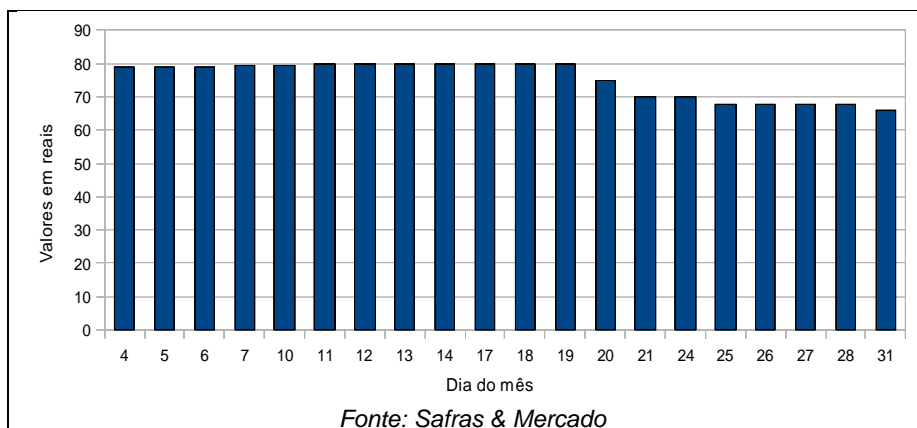
MERCADO

Mais um mês de poucas oscilações do preço do feijão carioca no mercado brasileiro. Mesmo com uma oferta menor do produto em relação ao mês anterior e aos últimos doze meses, os preços não sofreram qualquer reação positiva. Outro fator interessante é que o mercado tem se mantido passivo diante do estoque de 55,9 mil toneladas, extremamente baixo, o mais baixo desde 2003, diante de um consumo de 3,7 milhões de toneladas, ou seja, apenas 1,51% do consumo. Esse estoque daria para suprir o mercado por apenas 5,5 dias.

O mercado comprador tem se mantido cauteloso adquirindo somente quantidades para o atendimento imediato de suas demandas. Com a oferta garantida ao longo do mês, os compradores adotaram mais vez uma postura retraída. Esta cautela se caracterizou por uma baixa demanda refletindo na grande estabilidade dos preços durante todo o mês de agosto.

Uma reação positiva foi registrada em algumas regiões produtoras de feijão de boa qualidade durante o final da primeira semana de agosto. A reposição de feijão de boa qualidade motivou os empacotadores a pagarem em Minas, e em parte de Goiás, por feijão nota 9 ou melhor, até R\$ 75,00 ante os R\$ 70,00 que vinha sendo praticado segunda a Correpar Corretora de Mercadorias. Os produtores mineiros tentaram forçar os preços no início da segunda semana do mês, porém esta tentativa perdeu força, ocorrendo uma leve queda a partir da terceira semana. Durante todo o mês de agosto o preço do feijão carioca, no estado de Minas Gerais, variou entre R\$ 68,00 e R\$ 80,00. Na região produtora de Unaí, os preços tiveram pequenas oscilações, com ligeira redução no final, como mostra o gráfico a seguir:

Preço médio do feijão em Unaí , MG – Agosto de 2009



SAFRA 2008/2009

Segundo o levantamento de safras realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), divulgado no mês de agosto, a área total da safra 2008/2009 (1ª, 2ª e 3ª safra) plantada com a cultura do feijão no país é de 4.179,4 mil hectares, 4,7% maior que a área plantada no ano anterior, o que representa uma diferença de 186,4 mil hectares a mais, porém uma produção de 3.497,9 mil toneladas, 0,63% a menos que o ano anterior.

Para o feijão 2ª safra, segundo estimativa do mesmo levantamento, a área plantada foi de 1.974,5

mil hectares, o que representa um acréscimo de 5,78%, em relação ao ano anterior. A estimativa de produção é de 1.367,2 mil toneladas, o que representa uma queda de 5,4% em relação à safra 2007/08. Em Minas Gerais esse levantamento confirma uma área plantada de 156,2 mil hectares, redução em torno de 3,8% ante o ano anterior, e uma produção de 210,6 mil toneladas, uma queda de 1,7%. Esta redução se deve ao desestímulo dos produtores mineiros frente aos preços praticados pelo mercado.

Para o feijão 3ª safra, a estimativa é de uma redução na área a ser plantada em 5,8%, em relação ao ano anterior, ou seja, uma área de 765,7 mil hectares. Para a produção, a estimativa de redução é de 7,2% em relação a 2008, produção estimada de 772,1 mil toneladas, 60,2 toneladas a menos. Em Minas Gerais o levantamento aponta uma área plantada de 50,2 mil hectares, redução na ordem de 20,2%, quando comparado com a safra 2007/08, e uma estimativa de produção de 117,5 mil toneladas de feijão, redução de 21,8% em relação ao ano anterior. Tal redução deve-se também, aos baixos preços praticados pelo mercado.

MILHO

Luiz Fernando Ferreira
E-mail: luiz.ferreira@emater.mg.gov.br
Tel.: (37) 3214-3800 – Divinópolis/MG

SAFRINHA COMPLICA MAIS A SITUAÇÃO DOS PRODUTORES

A colheita do milho safrinha nos estados produtores do grão complica ainda mais a situação dos agricultores considerando que os armazéns ainda se encontram cheios com produto da safra de verão. Produtores do Mato Grosso contam com ajuda de “São Pedro”, para que as chuvas não estraguem o milho que está ao relento, em vários municípios do estado. Em Primavera do Leste, por exemplo, informações dão conta do apodrecimento do produto que se encontra ao relento. Calcula-se que até o final da colheita da safrinha cerca de 3 mil toneladas de milho permanecerão estocados a céu aberto, ou seja, fora dos armazéns convencionais.

CONTINUAM AS DIFICULDADES DE COMERCIALIZAÇÃO

O ministro da Agricultura Reinhold Stephanes confirmou que vai ser liberado R\$ 1,5 bilhão para operações de comercialização da safrinha do milho e de outros produtos. Para o ministro, a produção da safrinha surpreendeu os produtores, daí o armazenamento a céu aberto. Segundo o ministro, o Governo Federal pretende adquirir 3 milhões de toneladas do produto.

A solução para o excesso de oferta de milho é a exportação ou a Aquisição pelo Governo Federal – AGF. Nesse sentido a Conab já está com previsão para compra de 800 mil toneladas de milho, através dos leilões do Pepró – Prêmio de Escoamento do Produto, no início deste mês de setembro. Em função da “chiadeira” dos agricultores que estavam com a “temperatura alta”, a novidade do edital foi a entrada de produtos dos estados que não participavam dos leilões, como a Bahia – 60 mil toneladas e do Piauí, Maranhão, Tocantins e Rondônia com 10 mil toneladas cada um.

O Distrito Federal, Goiás e Mato Grosso do Sul tiveram as quantidades reduzidas de 80 para 60 mil toneladas cada um, e o Paraná, com previsão de 100 mil na exportação, teve uma redução para 50 mil toneladas.

A esperança é que esta providência contribua para a sustentação dos preços, pelo menos na fase de colheita e oferta do milho safrinha.

SITUAÇÃO AMERICANA E ARGENTINA DO PRODUTO

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou, no final do mês de agosto, as condições das lavouras americanas de milho.

Pelas informações do USDA, 69% da cultura estão entre boas e excelentes condições de desenvolvimento, 21% em condições regulares e 10% entre ruins e muito ruins. Estas

informações provocaram redução no valor das cotações da Bolsa de Chicago. Dentro da exigência do USDA de que toda a venda de produto, acima de 100 mil toneladas em um único dia e para o mesmo destino; a informação de que exportadores americanos privados, acertaram a exportação de 120 mil toneladas de milho ao México, para entrega em 2009/2010, reduz, pelo menos em parte, a preocupação com o nível de oferta do milho no mercado.

Por outro lado, na Argentina os produtores de grãos e de carne bovina estão suspendendo a venda dos produtos, ainda que temporariamente, em função de veto a uma lei do Governo que concedia benefícios fiscais a produtores prejudicados pela seca, na Província de Buenos Aires.

A situação de milho está tão complexa que nem mesmo a redução de 9 milhões de toneladas na exportação argentina este ano, foi suficiente para provocar insegurança ao abastecimento.

Diante deste quadro e com base nas estimativas e revisões sobre a utilização de milho para diferentes finalidades, mantém-se a expectativa de pequena redução nos estoques americanos de milho ao término da safra 2009/2010.

PERSPECTIVA DA NOVA SAFRA DE VERÃO NO BRASIL

Se por um lado a produção foi bastante favorável, por outro a situação de mercado do milho no Brasil continua muito difícil em 2009. Os preços internos estão em queda e a situação do mercado externo não tem se mostrado animador. Com esta situação, a perspectiva da nova safra de verão de milho, que na região sul-brasileira está na fase inicial, é de redução dos plantios.

No Rio Grande do Sul a estimativa é de se plantar menos 20% este ano em relação ao ano anterior. No Paraná há indícios do estado voltar a ser o maior produtor de grãos, entretanto o milho deverá sofrer redução em detrimento de outras culturas. Em Minas Gerais, ainda não há uma definição quanto a mudanças, todavia a tendência é de pequena variação ou ser mantida a área anterior. Nos estados do Centro-Oeste a perspectiva também é de redução da área de milho, principalmente por causa dos preços praticados atualmente – com valores muito baixos, como em outros estados, – e das dificuldades de escoamento e armazenamento.

Este ano, em que os preços dos fertilizantes estão inferiores aos do ano passado, o cenário do milho deverá exigir muita cautela na definição dos produtores quanto às áreas a serem cultivadas. Outra transformação neste ano agrícola será a disponibilidade de sementes de milho transgênico. A dúvida está na relação custo/benefício das diferentes regiões, com maior ou menor pressão das pragas que atacam a cultura. Com certeza haverá uma forte demanda dos produtores considerando a novidade apresentada por esta tecnologia.

Fonte: Safras, Cimiho, Notícias Agrícolas

SOJA

Willy Gustavo De La Piedra Mesones
E-mail: willy.gustavo@emater.mg.gov.br
Tel.: (34) 3338-5156 – Uberaba/MG

ÁREA DE GRÃOS DIMINUI, MAS A DE SOJA CRESCE

Embora a presença do fenômeno El Niño, em geral, provoque apreensão pelos efeitos negativos a algumas populações rurais e urbanas, já nas maiores regiões produtoras de grãos do Brasil é visto como fator positivo pela presença de chuvas que representam um clima mais favorável. Se for somado a este fato, a previsão de uso de melhor nível tecnológico nas lavouras e menor custo de produção devido à diminuição no preço dos insumos, era de se esperar um aumento da área plantada para a nova safra. Mas não é esta a previsão da maioria dos analistas de conjuntura rural, que apontam uma retração na área debitando esta situação principalmente à queda de preços pagos aos produtores e à limitação de oferta de crédito público e privado, não obstante terem ocorrido melhorias, neste aspecto, no último Plano Agrícola anunciado pelo governo.

A previsão inicial para a safra 2009/2010 de grãos no Brasil é de 139,76 milhões de toneladas, que seria 6% maior que a anterior, mesmo com previsão estimada de uma área de 46,15 milhões de hectares. Essa área representaria um decréscimo de 1% como resultado da retração de 1% na

cultura do feijão, 7% na de milho, 14% na de trigo e 8% na de algodão. No mundo está se repetindo este comportamento e, para efeito comparativo, podemos citar a Argentina que estará plantando 40% menos trigo e 15% menos milho, mas 13% a mais de soja. Para a América do Sul, estima-se uma área de soja de 45,72 milhões de hectares que seria 8% maior que a área da safra passada e novo recorde.

Produção de soja na América do Sul Safra 2009/2010 e 2008/2009

País/Região	Área (Milhões ha)		a/b %	Produção (Milhões t)		c/d %
	09/10 (a)	08/09 (b)		09/10 (c)	08/09 (d)	
Argentina	18,80	16,63	13	52,64	32,00	65
Brasil	22,62	21,72	4	64,21	57,27	12
Paraguai	2,60	2,50	4	5,98	4,00	50
Bolívia	1,05	0,99	6	2,10	2,00	5
Uruguai	0,65	0,55	18	1,30	0,95	37
América do Sul	45,72	42,40	8	126,23	96,22	31

Adaptado de Safras & Mercado

Se confirmados estes indicativos, a produção prevista de 126,23 milhões de toneladas seria um novo recorde para a América do Sul, com um crescimento de 31% sobre a safra anterior e 10% maior que o recorde atingido na safra 2007/2008. Já com relação ao Brasil, os 22,62 milhões de hectares previstos para o próximo plantio representariam 4% a mais que a safra anterior, embora a maioria dos analistas acredite que ainda pode haver aumento maior de área de soja se for considerado que as outras culturas de verão não mostram perspectivas muito otimistas. O fator mais importante para esta definição de área vai ser a safra norte-americana que se encontra na fase de frutificação e que o último relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, USDA, indica um volume de produção estimado em 87,06 milhões de toneladas, 8% maior que o obtido na safra anterior.

MERCADO DA SOJA

Da safra brasileira 2008/2009, que foi de 57,27 milhões de toneladas, mais de 90% já foi comercializada e, se comparado com o comportamento da safra anterior, verifica-se que este fato representa em torno de 10% a mais do que a média negociada no mesmo período de anos anteriores. Isso pode ser creditado, principalmente, ao endividamento dos produtores e também em razão dos melhores preços praticados neste ano, aliado à insegurança com o futuro do mercado, inclusive com relação às taxas de câmbio, e ao atual bom interesse do mercado consumidor.

A safra 2009/2010 também já teve iniciada a comercialização antecipada, embora num ritmo um pouco menor que o verificado no mesmo período da safra anterior, em função da necessidade de alavancar recursos privados complementares e também pelo quadro favorável nas relações de troca com os principais insumos, especialmente os fertilizantes. Existe também o receio de que os preços possam cair em função da safra norte-americana que está sendo produzida sob boas condições climáticas.

Preços praticados no Brasil (R\$/saca)

Local	04/09/09	1 semana atrás	1 mês atrás	1 ano atrás
Passo Fundo/RS	49,50	51,00	51,50	48,00
Rondonópolis/MT	45,00	45,60	44,50	41,50
Mogiana/SP	47,00	48,00	49,00	48,00
Uberlândia/MG	48,00	48,50	47,00	43,00

Adaptado de Safras & Mercado

TOMATE

Georgeton S. R. Silveira
E-mail: georgeton@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8148 - Belo Horizonte/MG

COMPORTAMENTO

Os preços médios do tomate in natura, em agosto, segundo a Ceasaminas, no entreposto de Contagem foram de:

- Tomate AA dos grupos Longa Vida R\$ 26,33 e Santa Cruz R\$ 26,92, a caixa com 22 kg.
- Tomate classe A dos grupos Longa Vida R\$ 14,58 e Santa Cruz R\$ 15,08 a caixa com 22 kg.

Segundo pesquisa de preços realizada no varejo pela Ceasaminas de 02/09 a 04/09, os valores do quilo do tomate in natura praticados nos hipermercados e supermercados da grande BH, obtiveram um preço médio de R\$ 3,07, e nos sacolões foi de R\$ 3,14, sendo o preço médio no varejo de R\$ 3,09. No atacado, no mesmo período, o preço pago foi de R\$ 1,60/kg. O preço no varejo em relação ao atacado obteve uma variação de 93,1%.

Houve uma alta substancial nos preços da caixa de tomate comercializado no atacado no mês de agosto em relação a julho. O motivo foi a diminuição da oferta de produto para o mercado com a entrada precoce do período da entressafra, o que ocorre geralmente a partir de setembro, ou pela maior procura do produto por outros estados.

A elevação da temperatura média, também contribuiu para a maior procura, por parte do consumidor, das hortaliças que são consumidas em saladas, entre elas o tomate.

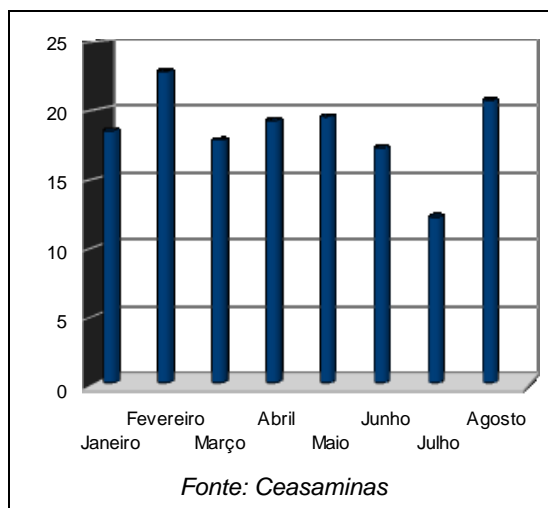
TENDÊNCIAS

Para setembro, a tendência é que os preços no atacado continuem se mantendo no patamar dos preços de agosto, com tendência de alta no final do mês, devido à diminuição da oferta de tomate ao mercado, tendo início assim o período de entressafra.

O custo por hectare, dependendo do sistema tecnológico de produção adotado, está entre R\$ 28.000,00 e R\$ 36.000,00. Com isso, o custo operacional da caixa com 22 kg está em torno de R\$ 10,00.

É importante que os produtores que queiram se aventurar no plantio da cultura na entressafra verifiquem o custo de implantação da lavoura neste período, pois o risco do cultivo aumenta devido à maior incidência de pragas e doenças, sendo necessária a observação por parte do produtor da relação custo/benefício referente à implantação e ao escalonamento da lavoura, da forma mais adequada para a época.

Comportamento dos preços médios pagos pelo tomate, caixa de 22 kg, na Ceasaminas em agosto. Valores em Reais (R\$)



FRUTICULTURA

Deny Sanábio
E-mail: sanabio@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8117 - Belo Horizonte/MG

MINAS AMPLIA EXPORTAÇÃO DE FRUTAS

Minas Gerais apresenta condições de solo e clima favoráveis para o desenvolvimento da fruticultura. A conquista de novos mercados é um fator impulsor e que contribui para o avanço de novas áreas e também para despertar nos fruticultores a questão de trabalhar a qualidade, fator este que tanto o mercado interno como o externo passaram a exigir.

No rastro dos voos da TAP para Portugal, os produtores de manga do Norte de Minas estão embarcando frutas através do Aeroporto de Confins, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Deverão ser exportadas 800 toneladas até o final do ano, segundo afirma o Presidente da Associação Central dos Fruticultores do Norte de Minas (Abanorte), Dirceu Colares. De Confins, também partem voos para os Estados Unidos, mas neste mercado o problema são as barreiras fitossanitárias, que impedem a expansão de mercado.

Outra novidade é a exportação de banana Prata produzida em Minas para a Inglaterra através do Aeroporto de Cumbica, em São Paulo. A empresa Mark & Spencer corta as frutas e faz uma salada que é enviada pronta para consumo. A banana Prata no Norte de Minas é a única que não escurece na salada de frutas. Ela tem validade de três dias para o consumo, sem escurecer.

O Norte de Minas exporta ainda, desde 2007, banana orgânica, tipo Nanica, para Alemanha e Holanda através do porto de Salvador. Atualmente, são dois *containers* por semana. Também por navio, o Norte de Minas exporta o limão Tahiti, a terceira fruta mais produzida na região (1.350 ha) depois da banana (12.600 ha) e da manga (2.500 ha). Em média, por dia, um container deixa o porto de Salvador.

COMERCIALIZAÇÃO DE FRUTAS

Prevista no Plano Agrícola e Pecuário 2009/2010, uma Linha Especial de Crédito (LEC) foi autorizada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), para comercialização de produtos derivados de frutas *in natura*. Serão beneficiados produtores rurais, cooperativas de produtores rurais, agroindústrias que processam ou industrializam maçã, pêsego, manga, abacaxi, maracujá e goiaba. O prazo de contratação vai de 1.º de outubro de 2009 a junho de 2010 para maçã e pêsego, e de 1.º de agosto de 2009 a junho de 2010, para os demais produtos.

Embora o setor frutícola brasileiro tenha um papel muito importante, tanto na economia quanto do

ponto de vista social, a agregação de valor no sistema agroalimentar da fruticultura ainda tem sido baixa. Do total de frutas produzidas no Brasil, apenas uma pequena parte é processada em forma de sucos, polpas, doces e frutas secas. É fundamental o incentivo à agroindustrialização para que o setor frutícola agregue valor e melhore a qualidade do produto final, diminuindo as perdas na comercialização e permitindo melhor remuneração em épocas de preços baixos.

O consumo de sucos de frutas foi alavancado pelo incremento na renda per capita do brasileiro, pela mudança de hábitos e pelo apelo à saúde. Este é um mercado em plena ascensão no Brasil e no mundo.

BRASIL E ARGENTINA DEBATEM COMÉRCIO DE FRUTAS

Representantes do Serviço Nacional de Sanidade e Qualidade Agroalimentar da Argentina (Senasa) estiveram no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), para tratar de temas fitossanitários relacionados ao comércio de citros, maçã e banana. Em setembro, uma missão de técnicos do Mapa conhecerá, no país vizinho, o sistema de manejo de risco para o cancro cítrico.

Segundo o diretor de Sanidade Vegetal, da Secretaria de Defesa Agropecuária, Odilson Ribeiro, a missão pode resultar na importação de laranja para consumo *in natura* pelos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. No entanto, uma questão jurídica precisa ainda ser resolvida. “Precisamos atualizar a legislação sobre o sistema de manejo de risco para essa praga, com base nas normativas do Mercosul”, explicou Ribeiro. O Brasil também está habilitado a exportar citros para a Argentina, de acordo com a Instrução Normativa nº 24, de 2007.

UVA

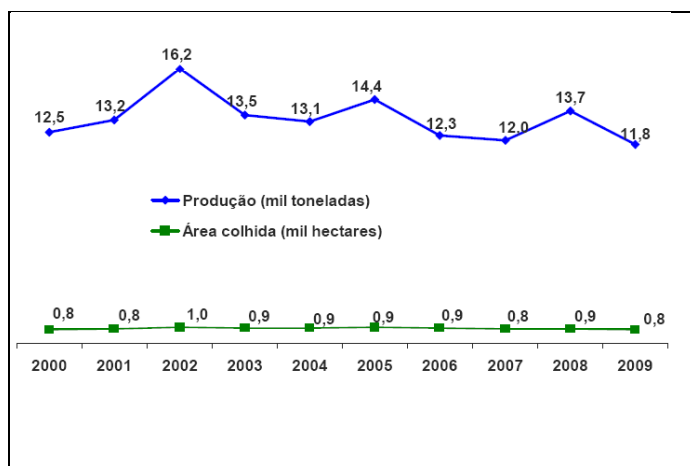
MINAS SUPERA EXPECTATIVAS, CONQUISTA MERCADO E PREÇOS COMPENSATÓRIOS

De um ano de turbulência econômica poderia se esperar cenário pior para os produtores de frutas, o que, entretanto, não aconteceu com a uva. Os viticultores trabalharam mais a questão da qualidade, e a redução da oferta contribuiu para reação dos preços, como não se via desde a implantação do Plano Real em 1994. Os viticultores de Minas Gerais trabalharam para ampliar o consumo da fruta produzida no estado sendo recompensados por isso na safra deste ano. A região do Norte de Minas, por exemplo, que já se firmou no mapa nacional da viticultura, comercializou, no entreposto da Ceasaminas em Contagem, 2,78 mil toneladas das quatro principais variedades cultivadas: Benitaka, Niágara, Itália e Rubi.

Há 20 anos a cultura da uva era desconhecida em Pirapora no Norte de Minas, hoje os produtores do município são os principais fornecedores para os mercados consumidores de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. A qualidade da uva produzida é o fator que mais chama a atenção. Outras regiões de Minas também são produtoras, como exemplo a região Central e o Sul de Minas, com maior ênfase, nesta última, para os municípios de Andradas e Caldas.

Principais municípios produtores: 1.º Pirapora 3,3 mil toneladas, 2.º Lassance 1,9 mil t, 3.º Andradas 1,0 mil t, 4.º Caldas 0,9 mil t e 5.º Janauba 0,6 mil toneladas

UVA. EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO E DA ÁREA COLHIDA



UVA. DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA PRODUÇÃO

Região	Área (mil ha)	Produção (mil t)
Central	0,04	0,76
Rio Doce	0	0
Zona da Mata	0	0
Sul de Minas	0,43	3,40
Triângulo	0,01	0,16
Alto Paranaíba	0,01	0,13
Centro Oeste	0,01	0,05
Noroeste	0,01	0,19
Norte de Minas	0,29	7,09
Jequitinhonha / Mucuri	0,01	0,02
Total	0,81	11,79

Fonte: Agrolink, Abanorte, Mapa, Jornal Estado de Minas, Seapa e IBGE.

A BANANICULTURA NO NORTE DE MINAS E BRASIL

No norte de Minas os preços da banana Prata e Nanica mantiveram-se estáveis durante todo o mês de agosto, com a Prata começando o mês a R\$ 12,00 e a Nanica a R\$ 9,00, passando as duas variedades, logo na primeira semana do mês, para R\$ 10,00 e mantendo-se assim durante todo o mês. No Norte de Minas, mesmo com ligeiro aumento de oferta da banana Prata devido à elevação da temperatura nos últimos dias, a procura fez com que os preços permanecessem firmes, motivados, sobretudo pela baixa oferta nas demais regiões produtoras do país.

No caso da banana Nanica, esta continua bastante valorizada na região Norte de Minas, o que resultou em grande número de pedidos. Este fato vem ocorrendo devido à baixa oferta da fruta no Vale do Ribeira e em outras regiões produtoras como Santa Catarina e Paraná, devido, principalmente, às temperaturas adversas nessas regiões. Agentes acreditam que os preços da Nanica devem continuar nesses patamares para as próximas semanas, uma vez que não há previsão de aumento de oferta. A expectativa dos produtores de Santa Catarina e São Paulo é que a oferta volte ao normal apenas a partir de outubro.

Colaborou com a análise de Banana:

Raimundo Mendes de Souza Júnior- E-mail: raimundo@emater.mg.gov.br

BOI GORDO

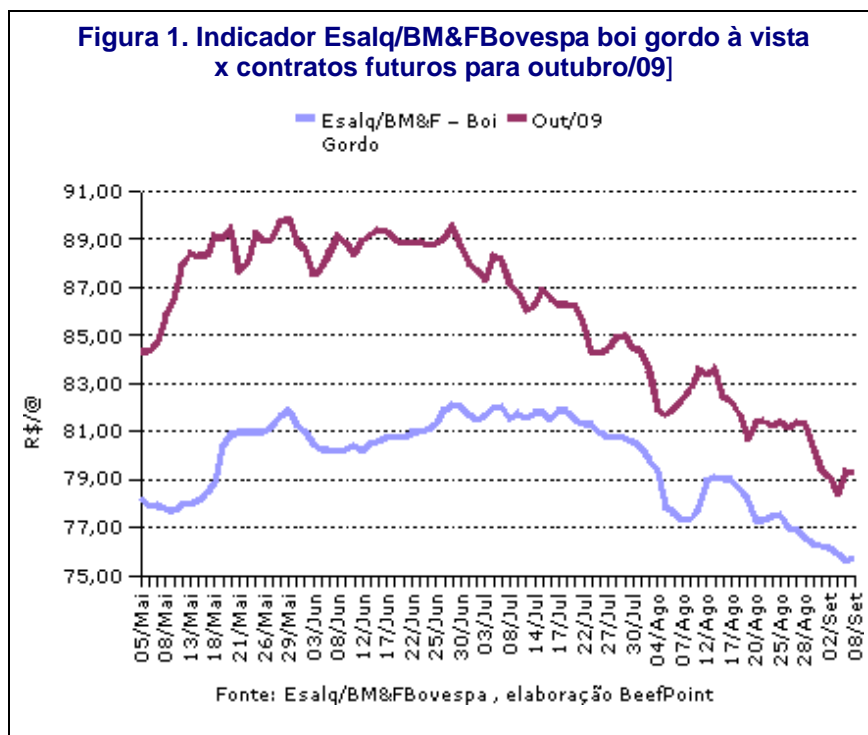
José Alberto de Ávila Pires
E-mail: xapeco@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8116 - Belo Horizonte/MG

PREÇOS ESTÁVEIS A MAIS BAIXO

Confirmando as expectativas anotadas no informativo anterior, as cotações da arroba do boi gordo apresentaram-se em queda no Estado de São Paulo durante todo o mês de agosto (Fig. 1). Para outros estados, inclusive Minas Gerais, cotações permaneceram de estáveis a mais baixos. Segundo a análise feita por Safras & Mercado (Boletim sobre Tendências de Mercados 528, de 07/09/2.009) “o ponto central tem sido o péssimo resultado nas exportações... a carne bovina *in natura* deverá ter 106,7 mil toneladas exportadas em agosto/2.009, o pior resultado para este mês desde 2003... com menor demanda na exportação, os frigoríficos abatem menos... e também como a demanda interna não consegue dar escoamento à carne bovina já que as demais carnes também tem oferta elevada, os preços acabam cedendo...alguns frigoríficos chegaram a indicar R\$ 72,00, R\$ 73,00 por arroba, livre de Funrural em São Paulo neste início de setembro/09”.

A chegada antecipada das chuvas, o que está dificultando a prática de confinamento em diversas regiões brasileiras, e esta queda “surpreendente” dos preços pagos pela arroba do boi gordo em plena **entressafra**, poderão comprometer a colocação de gado confinado no chamado “segundo turno”, com início em agosto, setembro, ocasionando com isto uma “falta” de boi gordo para abate e ajudar na recuperação (alta), dos preços da arroba do boi gordo para o último trimestre do ano (outubro/dezembro).

O boletim diário de BeffPoint avaliou que, no dia 08/09/2.009, o indicador Esalq/BM&FBovespa boi gordo à vista (mercado físico) foi cotado a R\$ 75,75 a arroba, com valorização de R\$ 0,14. O indicador a prazo teve alta de R\$ 0,76, sendo cotado a R\$ 77,00 a arroba. E que esta “ligeira alta” ocorreu depois de um período de sucessivas quedas nos meses de julho e agosto. A Fig. 1 mostra essa “recuperação” foi sinalizada também pelos contratos futuros negociados para outubro /09, no Mercado Futuro do Boi Gordo.



MERCADOS REGIONAIS

No dia 08 de setembro de 2009, segundo Safras & Mercado, os preços pagos pela arroba do boi gordo nas principais regiões produtoras apresentaram as seguintes cotações (valores livres de Funrural e 30 dias para pagamento): no Estado de São Paulo entre R\$ 75,00 e R\$ 76,00 com “indicações” de R\$ 73,00 e R\$ 74,00 e mercado bastante “pressionado”..., as chuvas no Mato Grosso do Sul, São Paulo e Minas Gerais podem manter o interesse de venda elevado do gado confinado..., as escalas (frigorífico) continuam longas e em alguns casos com frigoríficos podendo paralisar abates por alguns dias se não houver melhoria da demanda; no Mato Grosso do Sul, cotações de R\$ 70,00; em Goiás entre R\$ 68,00/R\$70,00 e em Minas Gerais, mercado estável entre R\$ 70,00 e R\$ 72,00.

A tabela 1 mostra o levantamento feito pela Emater-MG, em diversas regiões de Minas Gerais, dos preços do boi gordo e vaca gorda prontos para abate, e do bezerro de corte Nelore ou anelorado de qualidade.

Este levantamento é semanal e as informações estão disponíveis através dos telefones (31) 3349.8118/8116, ou e-mail: xapeco@emater.mg.gov.br

Tabela 1 – Cotações bovinos (1ª semana setembro)

Região de MG	Município referência	Boi rastreado (1)	Boi não rastr. (2)	Vaca (3)	Bezerro
Triângulo Mineiro	Uberaba	75 - 77	69 - 70	65 - 68	520 - 530
Norte de Minas	Montes Claros	73 - 75	70 - 72	65 - 68	560 - 600
Central	B. Horizonte	-	68 - 73	60 - 68	400 - 500
Noroeste	Unai	71 - 73	70 - 71	65	450 - 510
Zona da Mata	Viçosa	-	70	-	-
Mucuri	Teófilo Otoni	-	68 - 71	65 - 68	410 - 450
Sul de Minas	Alfenas	-	75	70	550

(1) Boi gordo para abate, rastreado, tipo exportação, acima de 16 arrobas (peso morto);

(2) Boi gordo para abate, não rastreado, mercado interno, acima de 15 arrobas (peso morto)

(3) Vaca gorda para abate, mercado interno, acima de 12 arrobas (peso morto);

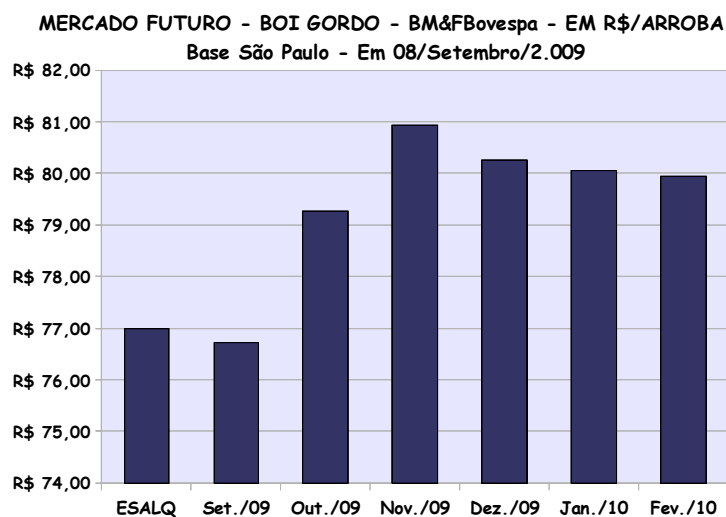
Fonte: Asmec/Emater-MG

Nota: Cotações livre de Funrural e 30 dias para pagamento.

CENÁRIO - ENTRESSAFRA 2009 e SAFRA 2010

De acordo com as negociações realizadas no Mercado Futuro do Boi Gordo da Bolsa de Mercadorias e de Futuros – BM&F, no dia 08 de setembro de 2009, as cotações da arroba do boi gordo ainda permanecem “travadas” e sem perspectivas de grandes alterações (Figura 2).

Tendo como base o Estado de São Paulo, estas cotações sinalizam ainda uma tendência de “ligeira” queda, ou de estabilidade, durante o mês de setembro/09. Uma “recuperação” poderá ocorrer a partir de outubro, com cotações atingindo valores próximos a R\$ 80,00. **Vamos acompanhar.**



Fonte: Esalq / BM&FBovespa. Elaboração Emater-MG

FRANGO E OVOS

Dirceu Alves Ferreira
E-mail: dirceu@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8115 - Belo Horizonte/MG

Depois de ter atingido o “fundo do poço” em fevereiro passado, o preço médio da **carne de frango** in natura exportada pelo Brasil vem, desde então, registrando valorização contínua, o correspondente a um incremento de 23% no espaço de seis meses, mas nos dois últimos meses caiu sensivelmente o ritmo de valorização do preço médio. Senão vejamos: O primeiro sinal de recuperação veio em março quando, após seis meses de contínua desvalorização (-38% entre agosto/08 e fevereiro/09), o preço médio da carne de frango in natura aumentou 0,62% em relação ao mês anterior. Sucederam-se então (segundo trimestre) três altas significativas: 7,72% em abril, 4,34% em maio e 5,73% em junho). Mas em julho esse índice de expansão foi de apenas 2,23% e, em agosto, de menos de 1% (0,81%). Essa desaceleração reforça a tese de esgotamento da “bolha de consumo” observada no segundo trimestre do ano. Mas, provavelmente, a perda de ritmo está sendo ocasionada muito mais pelo aumento da produção brasileira de carne de frango, ou seja, quando reconhece que a oferta é limitada, o importador não se nega a pagar mais. Tanto que a maior valorização vista neste ano (7,72% em abril) coincidiu exatamente com o mês de menor produção de 2009. Mas o importador também sabe quando o produto passa de escasso a disponível, porque acompanha o evoluir da produção interna nos países exportadores. E, nessas horas, não há negociador que consiga segurar o preço anterior. Segundo operadores do mercado, no final de agosto alguns dos preços obtidos já eram menores que os registrados um mês antes. A razão parece estar bem clara. Fonte: Avisite

Após quase uma semana de trégua, o **frango vivo** volta a sofrer nova queda no final de agosto. O produto comercializado no interior paulista e em Minas Gerais perdeu outros cinco centavos de seu preço e foi comercializado por R\$ 1,25/kg, valor que o setor não registrava há cerca de um ano e meio, ou seja, desde março-abril de 2008, ocasião em que o frango vivo chegou a ser comercializado por R\$ 1,20/kg. A atual cotação está quase 36% abaixo da registrada nesta mesma ocasião, há um ano (R\$1,95/kg, o melhor preço alcançado em todos os tempos pelo frango vivo, além de ser cerca de 22% inferior à de 30 dias atrás. Porém, o que mais desconsola é constatar que com três quilos de frango o produtor não chega a obter, no momento, a remuneração que há 60 dias obtinha com apenas dois quilos do produto. Ou, dito de outra forma, ele agora precisa da produção de três galpões para chegar, aproximadamente, ao que antes obtinha com dois, pois o volume adicional necessário para igualar a receita anterior é 52% maior.

Fonte: Avicultura Industrial

Espera-se que o mês de setembro seja melhor e que, no mínimo, a reativação de mercado observada nos últimos dias de agosto tenha prosseguimento. Porque em agosto, da mesma forma que o mês anterior, foi particularmente ingrato para com o produtor de **ovos**. Assim, embora tenha ocorrido ligeira valorização em relação ao mês de julho, o preço médio recebido pelo setor acabou sendo o segundo pior registrado em 2009, igualando-se àquele registrado em janeiro, quando o mundo e especialmente o consumo ainda viviam os fortes efeitos da queda na economia mundial. De uma forma ou de outra, a crise vai sendo superada. Mas o ovo que, teoricamente, não registrou aumento de produção, pois o plantel produtor permanece estável há mais de dois anos, continua enfrentando problemas de colocação.

Cotações de frangos (R\$/kg)

Frango	Atacado FOB	
	31/07/09	31/08/09
Abatido	3,00	2,50
Resfriado/Atacado	2,35	1,82
Vivo com ICMS	1,95	1,70
Vivo Diferido	1,80	1,25

Fonte: Avimig

Cotações de ovos (R\$/cx30dz)

Ovos	31/07/09	31/08/09
Extra	41,00	45,00
Grandes	40,00	44,00
Médios	39,00	43,00
Pequenos	37,00	41,00
Vermelhos	44,00	49,00

Fonte: Avimig

Cotações de aves de descarte R\$/kg)

Aves de descarte	Atacado	
	31/07/09	31/08/09
Poedeira de Corte	1,30	1,30
Poedeira Branca	0,50	0,50
Matriz Vermelha	0,50	0,50

Fonte: Avimig

TENDÊNCIAS

- Perdas foram registradas ao longo do mês de agosto de 2009. Na última semana foram ligeiramente mais discretas que a da semana anterior ficando em torno de 10 centavos. Mas como o setor depende do livre mercado e as ofertas continuam abundantes e a demanda ainda não retornou aos níveis ideais, este cenário não é capaz de gerar novas expectativas no setor.
- Pequenos ajustes na oferta permitiram que o setor estancasse as fortes quedas de preço que ocorreram durante o mês, mas esta retomada deve-se principalmente a promoções no varejo. A expectativa é de que, como acontece historicamente, que o mercado apresente uma demanda mais forte nos próximos meses até o final do ano.

SUÍNO

Dirceu Alves Ferreira
E-mail: dirceu@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8115 - Belo Horizonte/MG

As exportações de carne suína totalizaram 39,9 mil toneladas em agosto de 2009, conforme estatísticas divulgadas pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Na comparação com o volume de 42,1 mil toneladas exportado em agosto de 2008, verifica-se uma queda de 5%.

Em volume de carne exportada de 2003 até 2008 os números se comportaram da seguinte forma: 2003 - 495.806 toneladas; 2004 - 507.703 toneladas; 2005 - 625.075 toneladas; 2006 - 528.195 toneladas; 2007 - 606.513 toneladas; 2008 - 529.418 toneladas. A ABIEPCS estima que em 2009 as exportações permanecerão ao redor 600 mil toneladas.

Nos mercados atualmente abertos para exportação, os exportadores brasileiros tem perdido competitividade como resultado da política cambial, que vem seguidamente fortalecendo o Real, e a abertura de novos mercados prossegue de maneira excessivamente lenta. Felizmente, neste mês de agosto, o Vietnã abriu seu mercado para as importações de carne suína de toda a região livre de febra aftosa com ou sem vacinação. Espera-se iniciar brevemente as exportações para este novo país importador da Ásia. O Vietnã é importante consumidor de carne suína e produz a maior parte das 2,5 milhões de toneladas que consome, porém recentemente passou a importar pequenas quantidades. A FAO estima que em 2009 o Vietnã poderá importar cerca de 30 mil toneladas. A ABIEPCS participará de missão comercial ao Vietnã, nos dias 3 e 4 de outubro, liderada pelo Ministério da Agricultura. Fonte: Abiepcs

As Bolsas de Suínos estaduais fecharam em agosto com tendências diversas. Em São Paulo, o valor seguiu com preços entre R\$ 43,00 e R\$ 44,00 a arroba, ou seja, R\$ 2,30 e R\$ 2,35 o quilo do suíno vivo, segundo as informações da Associação Paulista de Criadores de Suínos. Minas Gerais, após duas semanas de estabilidade, fechou o quilo do suíno vivo em R\$ 2,50 no atacado. De acordo com dados da Associação dos Suinocultores do Estado de Minas Gerais (Asemg), desta vez o valor foi consenso entre os produtores, ou seja, não foi apenas sugerido pela entidade. Já Santa Catarina apresentou uma pequena alta em sua Bolsa de Suínos. Segundo a Associação Catarinense de Criadores de Suínos (ACCS), a bolsa fechou em R\$ 2,00 o quilo do suíno vivo. Fonte: APCS

A receita das exportações mineiras de carne suína, no período de janeiro a julho, aumentou quase 67%. O valor alcançado com a comercialização do produto no exterior foi de US\$ 61,4 milhões, na comparação com a cifra de US\$ 36,8 milhões do mesmo período de 2008, informa o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). De acordo com a Superintendência de Política e Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura de Minas, que analisou os dados, também foi expressivo o aumento do volume embarcado, superior a 62% em relação à quantidade registrada no acumulado de janeiro a julho do ano passado. Foram 27,7 mil toneladas, contra 17,1 mil toneladas no mesmo período de 2008.

Para o superintendente João Ricardo Albanez, os resultados positivos da comercialização da carne suína no exterior devem ser atribuídos principalmente à retomada dos negócios com a Rússia. O período de restrição, de um ano e meio, terminou no primeiro semestre de 2008 e foram adquiridas de janeiro a julho de 2009, cerca de 20,4 mil toneladas, ou quase 74% do volume total exportado por Minas, gerando 90% da receita obtida pelo Estado com a comercialização da carne suína no mercado internacional. Apesar dos números registrados alcançados pela carne suína de Minas Gerais no mercado externo, os produtores consideram que a situação no mercado interno atualmente passa por dificuldades, isto porque apesar das vendas terem aumentado no mercado interno desde outubro de 2008, a produção aumentou mais que a demanda e a situação de oferta excessiva prevalece.

As exportações de carne suína perderam, no mês de julho, o vigor que vinham apresentando no primeiro semestre. A queda nas vendas externas foi de 14,28% em toneladas e de 40,48% em valor. O Brasil exportou, em julho de 2009, 48,10 mil toneladas e faturou US\$ 100,50 milhões, em relação às 56,11 mil toneladas e US\$ 168,85 milhões em julho de 2008. Fonte: Abipecs

Cotações do suíno em 31/08/2009 (R\$)
SP 2,35 - RS 2,02 - PR 2,10 - SC 1,90 -
MS 1,90
MT 1,95 - GO 2,60 - MG 2,50 Fonte:
 Asemg

TENDÊNCIA

A Bolsa de Suínos de Minas Gerais fechou o mês de agosto em R\$ 2,50 o quilo do suíno vivo no atacado, preço que havia sido praticado durante a última semana. A tendência é de manutenção deste preço ao longo do mês, ficando possíveis aumentos mais para o final do ano.

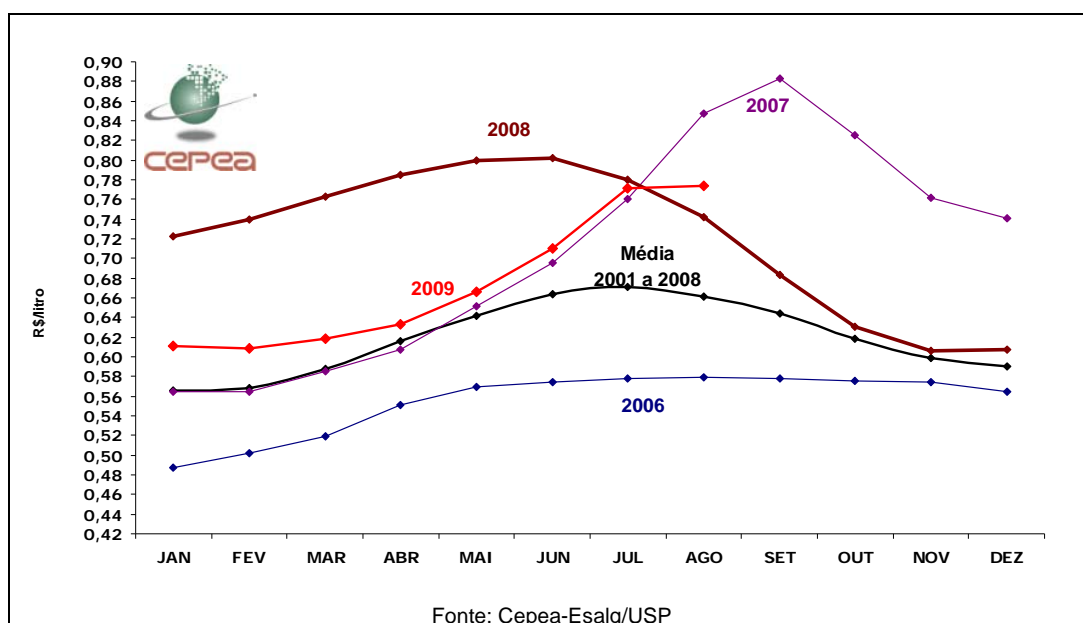
LEITE

Cintha Leite Madureira de Oliveira
 E-mail: cinthya@emater.mg.gov.br
 Tel.: (31) 3349-8115 - Belo Horizonte/MG

MERCADO

Conforme esperado, o preço do leite ao produtor manteve-se praticamente estável no mês de agosto, com ligeiro aumento de 0,32% sobre o pagamento de julho. Nos três meses anteriores, os reajustes foram de 6%, 7% e 9% respectivamente. Na média dos sete estados (RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA) pesquisados pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Esalq/USP), o preço bruto do leite ao produtor em agosto – produto entregue em julho – foi de R\$ 0,7743/litro.

Gráfico 1: Série de preços médios pagos ao produtor - deflacionada pelo IPCA
 (média de RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA)



Entre os estados pesquisados pelo Cepea, somente o Rio Grande do Sul e Bahia registraram aumentos de preço, mesmo assim inferiores a 2 centavos por litro. Os preços brutos, sem o

desconto do frete e de 2,3% do CESSR, foram de R\$ 0,7509/litro e R\$ 0,6234/litro, respectivamente nos dois estados. Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Goiás, apresentaram variações, para cima ou para baixo, de até 0,5 centavo/litro. São Paulo continuou com a maior média, de R\$ 0,8171/litro. E em Minas Gerais, a média foi de R\$ 0,7705/litro.

Segundo o Índice de Captação do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, a produção de leite aumentou 2,4% de junho para julho. É normal o aumento do volume de leite nesta época do ano, devido à suplementação oferecida ao rebanho na região Centro-Sul e Sudeste, e a produção no Rio Grande do Sul ser favorecida pelas pastagens de inverno. A oferta nacional, normalmente, se mantém crescente até dezembro.

Na parcial deste ano, no entanto, o volume captado está 6% menor que o do mesmo período do ano passado. Pesquisadores do Cepea explicam que isso reflete o forte aumento da produção no segundo semestre de 2007 e primeiro de 2008, quando o preço do leite ao produtor e também a relação de troca por alimentos (milho e farelo de soja) estiveram bastante atrativos. Já se a comparação do volume dos sete meses de 2009 for feita com igual período de 2007, constata-se aumento de 14,19%, o que representaria margem de crescimento por volta de 7% ao ano.

Gráfico 2: ICAP-L/Cepea - Índice de Captação de Leite - Julho/09. (Base 100=Junho/2004)

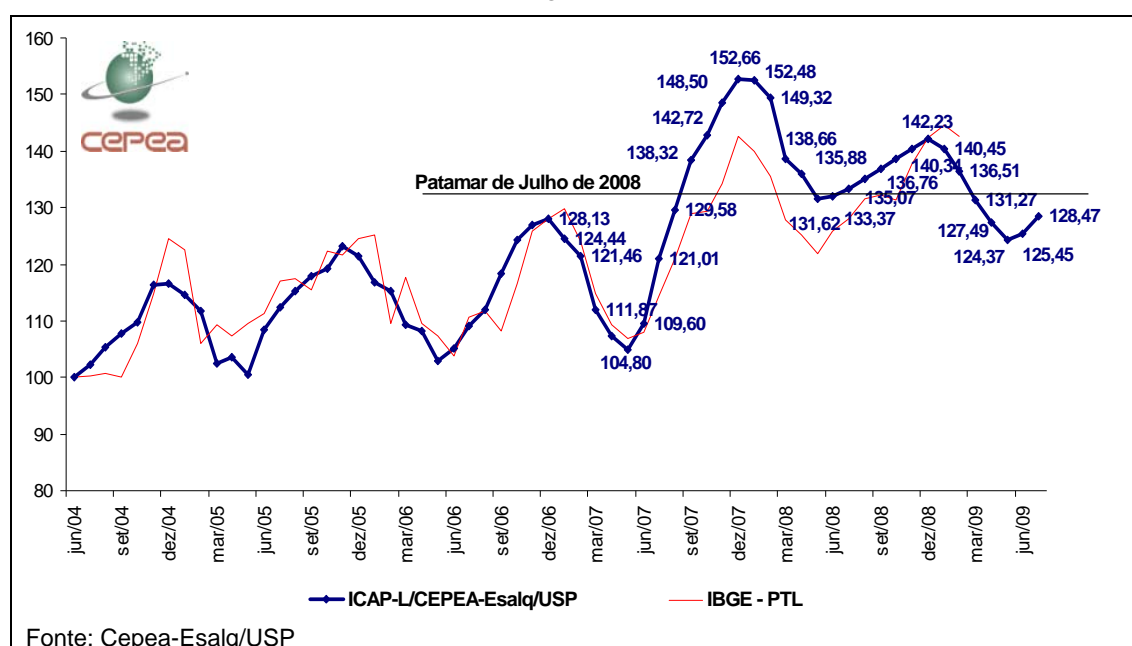


Tabela 1 – Poder de compra do leite. Litros de leite necessários para comprar insumos e serviços utilizados na produção.

Insumos e serviços	Preço do leite* Junho/09 R\$ 0,63	Preço do Leite* Julho/09 R\$ 0,69
Vaca em lactação (+12 litros)	3348	2911
Ração para vaca lactação (saco 50 kg)	65	62
Farelo de algodão (saco 50 kg)	57	58
Sal Proteinado (saco 30 kg)	13	13
Uréia pecuária	70	55
Sulfato de amônia (saco 50 kg)	66	58
Detergente alcalino (limpeza ordenhadeira)	49	51
Tintura de iodo a 10% (litro)	38	39
Óleo diesel (litro)	3,2	2,8

*Preço médio do leite tipo C pago ao produtor.

Fonte: Panorama do leite nº33/Embrapa – Adaptação: Detec/Emater-MG

Tabela 2 - Preços pagos pelos laticínios (bruto) e recebidos pelos produtores (líquido) em agosto/2009, referente ao leite entregue em julho/ 2009.

Região	Bruto (c/frete e CESSR, ex-Funrural)			Preço líquido	Var. % Bruto	Var. % Líquido
	Máximo	Mínimo	Médio	Médio	ago/jul	ago/jul
Triâng./Alto Paranaíba	0,8578	0,7834	0,8206	0,7725	3,17%	3,18%
Sul/Sudeste	0,8356	0,7174	0,7931	0,7527	0,72%	0,71%
Vale do Rio Doce	0,8412	0,6896	0,7631	0,7328	1,43%	1,42%
Média Estadual	0,8134	0,7104	0,7705	0,7310	0,69%	0,68%
Média Nacional	0,8309	0,6778	0,7743	0,7300	0,32%	0,30%

Fonte: Cepea. Adaptado por Detec/Emater-MG

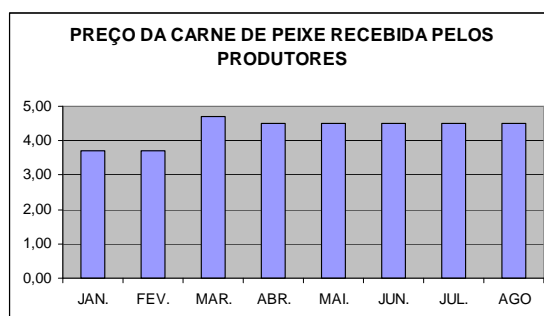
TENDÊNCIA

Para o próximo mês, 73% dos compradores de leite, que representam 76% do volume total captado pelas empresas que compõem a amostra do Cepea, acreditam que os preços ao produtor cairão, sinalizando que a alta de preços deste ano teria passado. A explicação para a queda dos preços é o volume de leite produzido e o comportamento dos derivados no mercado atacadista.

PEIXE

Frederico Ozanam de Souza
E-mail: frederico@emater.mg.gov.br
Tel.: (35) 3522-1166 – Passos/MG

A aquicultura é um termo que se refere a criações de organismos que vivem parte ou a totalidade de suas vidas no meio aquático, tais como peixes, moluscos, anfíbios, répteis, crustáceos e algas. Para um produto ser considerado de origem aquícola, é necessário que durante o processo de criação ou cultivo haja algum tipo de intervenção humana que tenha como objetivo o aumento da produção, tais como adubação, integração com outras espécies, alimentação artificial, aeração artificial, etc. A unidade de produção deve ter um proprietário individual ou coletivo que a diferencie dos corpos d'água públicos. Em relação ao ambiente a aquicultura pode ser marinha, de água doce ou salobra. De acordo com o objeto da exploração, existem denominações específicas, tais como: piscicultura, ostreicultura, mitilicultura, ranicultura, carcinicultura, algicultura, etc.



MERCADO

Os preços da carne de peixe durante o mês de agosto apresentaram-se normais. O preço recebido pelos produtores foi o seguinte: o peixe vivo de tilápia ficou entre R\$ 4,00 e R\$ 5,00/kg e o filé, em torno de R\$ 15,00/kg. Outras espécies de peixe vivo como o Matrinchá, Pacu e Tambaqui, tiveram os preços cotados de R\$ 5,00 a R\$ 6,00/kg. A truta foi comercializada entre R\$ 7,00 e R\$ 9,50/kg. Para as espécies de peixes considerados nobres, como o Surubim e o Dourado, o preço variou entre R\$ 8,00 e R\$ 11,00/kg vivo.

PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES

Produto	Unidade	Média
Milho	sc 60 kg	18,22
Soja	sc 60 kg	43,89
Feijão Carioca	sc 60 kg	75,39
Feijão Preto	sc 60 kg	73,45
Café Arábica, Bebida Dura, Tipo 06	cx 60 kg	248,92
Banana Prata	cx 18 kg	15,87
Banana Nanica	cx 18 kg	13,03
Bezerro desmamado Nelore	unid	528,43
Bezerra desmamada Nelore	unid	460,27
Bezerro desmamado Mestiço	unid	437,13
Bezerra desmamada Mestiça	unid	383,88
Vaca Gorda para Abate – Consumo Interno	arroba	65,89
Boi Gordo para Abate – Consumo Interno	arroba	69,41
Boi Gordo para Abate – Tipo exportação	arroba	76,11
Bovinocultura: Leite Resfriado	L	0,69

PREÇOS MAIS COMUNS NA CEASAMINAS BH

Produto	Unidade	Preço (R\$)	Produto	Unidade	Preço (R\$)
Abacate	20 kg	18,00	Laranja	20 kg	13,00
Abacaxi	dz	25,00	Limão Tahiti	20 kg	45,00
Abobrinha-italiana	18 kg	8,00	Maçã	18 kg	31,00
Abobrinha-menina	18 kg	9,00	Mamão Formosa	18 kg	28,00
Abóbora Moganga	15 kg	10,00	Mamão Havaí	8 kg	18,00
Alface	dz	4,00	Mandioca	22 kg	15,00
Alho brasileiro	10 kg	65,00	Mandioquinha	22 kg	30,00
Banana Nanica	18 kg	18,00	Manga	6 kg	14,00
Banana Prata	18 kg	17,00	Maracujá	14 kg	32,00
Batata	50 kg	55,00	Melancia	kg	0,50
Batata-doce	22 kg	20,00	Melão	13 kg	17,00
Berinjela	12 kg	15,00	Milho Verde	25 kg	15,00
Beterraba	22 kg	18,00	Moranga	25 kg	10,00
Brócolo	dz	15,00	Morango	1,5 kg	4,00
Cebola	20 kg	22,00	Ovo de granja	30 dz	43,00
Cenoura	22 kg	15,00	Pepino	21 kg	20,00
Chuchu	22 kg	7,00	Pera	20 kg	55,00
Coco verde	dz	9,60	Pimentão	10 kg	20,00
Couve	dz	4,00	Quiabo	14 kg	15,00
Couve-flor	06 unid.	6,00	Repolho	25 kg	6,00
Espinafre	dz	12,00	Tangerina Ponkan	15 kg	15,00
Goiaba	2,5 kg	9,00	Tomate	22 kg	35,00
Inhame	20 kg	18,00	Uva Itália	6 kg	18,00
Jiló	16 kg	12,00	Vagem	13 kg	25,00

Preços referentes ao dia 08.09.2009.

Fonte: Ceasaminas - Elaboração: Ciagro/Asmec/Emater-MG